



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

VALÉRIA MARIA CAVALCANTE PEREIRA SILVEIRA

Formação Continuada de Professores: Inquietudes e perplexidades

SOUSA – PB
2014

VALÉRIA MARIA CAVALCANTE PEREIRA SILVEIRA

Formação Continuada de Professores: Inquietudes e perplexidades

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a Ms. Lidiane Rodrigues Campelo da Silva

**SOUSA- PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S587f Silveira, Valéria Maria Cavalcante Pereira
Formação continuada de professores [manuscrito] :
inquietudes e perplexidades / Valéria Maria Cavalcante Pereira
Silveira. - 2013.
53 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, 2013.
"Orientação: Profa. Ma. Lidiane Rodrigues Campelo da Silva,
Departamento de Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas".

1. Continuada 2. Formação 3. Professor I. Título.

21. ed. CDD 371.2

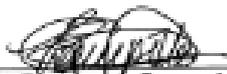
VALÉRIA MARIA CAVALCANTE PEREIRA SILVEIRA

Formação Continuada de Professores: Inquietudes e perplexidades

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/07/2014

Banca Examinadora



Profª Ms. Lidiane Rodrigues Campelo da Silva / UEPB
Orientadora


Prof. Maria Fernandes Praxedes / UEPB
Examinadora
Profª Cleonice Agra do O / UFCG
Examinadora

Ao meu marido, Paulo Silveira, pela dedicação,
companheirismo e por sempre acreditar que sou capaz.

AGRADECIMENTOS

À Colega e Amiga Vitória Régia Sarmiento, sempre ao meu lado, pela presteza e atendimento quando me foi necessário, dando-me força e partilhando de todos meus momentos, por seu empenho.

À professora Ms. Lidiane Rodrigues Campelo pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus filhos Paulo André e Marina Cavalcante Silveira, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, Dr. Leonardo de Araújo e Mota, Prof^a Dr^a Ada Kesea Guedes Bezerra e Ms. Lidiane Campelo, que contribuíram ao longo de 15 meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelas trocas de experiência e apoio.

A docência é uma profissão complexa e, tal como as demais profissões é apreendida. Os processos de aprender a ensinar, de aprender a ser professor e de se desenvolver profissionalmente são lentos. Iniciam-se antes do espaço formativo dos cursos de licenciaturas e prolongam-se por toda vida (Nicolette).

RESUMO

A formação de professores, seja ela inicial ou continuada, constitui-se como um locus privilegiado, não só para refletir e discutir sobre essas questões, como para a criação e a implementação de proposições que possibilitem vislumbrar novos caminhos e avanços no que tange ao trato da diversidade cultural no contexto escola. O objetivo fundamental deste trabalho foi analisar possibilidades de contribuição da formação continuada de professores na construção da sua identidade docente, percebendo sua realização profissional. Foi importante ainda registrar as dificuldades e desafios enfrentados, assim como ganhos e expectativas quanto ao ensino na rede pública de ensino, considerando a formação de professores como um elemento que pode interferir na qualidade do ensino na Educação Básica. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa de natureza teórica e empírica. Foram sujeitos da pesquisa seis professores de rede municipal e estadual de ensino. Em linhas gerais, conclui-se que a pesquisa foi do tipo bibliográfico. Foram utilizados teóricos como: Feldman (1999), Xavier (2011), Canen (2011), Nicoletti (2013) e Gatti (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Continuada. Formação. Professor. Diversidade. Cultural.

ABSTRACT

SILVEIRA, Valéria Maria Pereira Cavalcante. **Continuing Teacher Education: Worries and perplexities**, Sousa 2014.

Teacher training, whether initial or continuing it is constituted as privileged locus, not only to reflect and discuss these issues, and for the creation and implementation of proposition that enable blaze new trails and improvements with respect to dealing cultural diversity in the context of the school. The fundamental objective of this study was to analyze possible contribution of continuing education of teachers in building their professional identity, realizing their professional achievement. It was important to also record the difficulties and challenges, as well earnings and expectations about teaching in basic education. This is a qualitative study of theoretical and empirical nature. Six faculty municipal and state schools were research subjects. In general, it is concluded that the research was literature type. Were used as theoretical: Feldman (1999), Xavier (2011), Canen (2011), Nicoletti (2013) and Gatti .

KEYWORDS: Continuing. Training. Teacher. Diversity. Cultural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 DA FORMAÇÃO INICIAL A FORMAÇÃO CONTINUADA.....	14
1.1 FORMAÇÕES DE PROFESSORES PARA DIVERSIDADE CULTIURA.....	20
1.2 INQUIETUDES EM QUESTÃO.....	25
1.3 FORMAÇÃO DE PROFESSOR E INFORMÁTICA.....	28
2 SABORES E DISSABORES PÓS FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES.....	34
3 O PLANEJAMENTO ESCOLAR COMO UMA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE.....	49

INTRODUÇÃO

A presente investigação tem como foco a reflexão sobre alguns dos aspectos da formação continuada de professores, tais como angústias, perplexidades e inquietudes, que normalmente surgem tanto na aprendizagem do processo de formação inicial quanto em uma formação de qualidade.

Tem-se realizado vários estudos e pesquisas na busca do conhecimento sobre a articulação entre a formação continuada de professores e a sua prática docente. No cenário da formação docente as questões que envolvem a diversidade cultural brasileira têm sido alvo de inúmeras investigações, principalmente na última década, no cenário educacional.

É preciso compreender, a partir de um enfoque multidimensional, que fatores cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos devem inserir-se em uma abordagem mais ampla pela transformação do ensino, nesse sentido, a formação continuada de professores possui um papel relevante.

Esta importância é decorrente da necessidade de preparar professores para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar. Efetivar essa prática significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local que as diferentes identidades são respeitadas, valorizadas e consideradas como fatores enriquecedores da cidadania.

No espaço escolar é comum observar a diferença entre a formação inicial e a formação continuada. Elas aportam duas possibilidades no que se refere ao uso do meio escolar: uma onde a escola que “centra” a formação é aquela a qual o aluno da educação superior deve se dirigir, periódica e costumeiramente, para desenvolver, em colaboração com seus futuros colegas professores da educação básica, as atividades e os projetos previstos pelo núcleo de práticas pedagógicas de seu currículo de formação, fala-se de formação inicial. A outra possibilidade quando a escola que “centra” a formação em busca da socialização do saber elaborado, relacionado a uma prática orientada por fins definidos de forma deliberada, intencional e consciente, visando integrar, em rede, diferentes projetos que irão incrementar em diversas discussões, trata-se do processo de formação continuada dos profissionais de educação (GATTI, 2013).

A educação multicultural é vista como uma perspectiva que deve informar todas as áreas do conhecimento e do currículo escolar nesse sentido, com a preocupação de articular os pressupostos de uma proposta multicultural à formação docente colocam-se como um desses profícuos caminhos a ser seguido, para uma escola culturalmente responsiva.

A formação de professores constitui-se como um lócus privilegiado, não só para refletir e discutir sobre essas questões, como para a criação e para a implementação de proposições que possibilitem vislumbrar novos caminhos e avanços no que tange ao trato da diversidade cultural no contexto escola. Além de reconhecer a importância e a necessidade desta discussão também na formação inicial, como sendo o alicerce dos conhecimentos que nortearão a prática do professor quando ele estiver em exercício da profissão, a experiência e a interlocução da problemática que será intermediado não só pela teoria ou análise de problemas vivenciados por terceiros, mas pela prática desses profissionais. Fator esse desencadeará um processo permanente de exercício crítico-investigativo de revisão de práticas pedagógicas e docente nas diversas especificidades.

Diante desses fatores, a pertinência do estudo da temática é justificada pela possibilidade de interferência qualitativa nos processos educativos escolares a partir do estudo e compreensão da pluralidade cultural na formação de professores, intencionando a melhoria das relações que permeiam o espaço escolar.

A presente temática nos chamou atenção devido às dificuldades e pressões que o docente hoje enfrenta em sala de aula. Assim, formar professores com qualidade e compromisso político de transformação tem se mostrado um grande desafio às pessoas que compreendem a educação como um bem universal, como um direito humano e social na construção da identidade e no exercício de cidadania.

Nossa hipótese é que dados coletados ajudem a entender por que esses profissionais ensinam o que ensinam. Como redimensionam conhecimentos, experiência e a cultura escolar? Como justificam sua prática?

O objetivo fundamental deste trabalho analisou possibilidades de contribuição da formação continuada de professores na construção da sua identidade docente, percebendo sua realização profissional. Foi importante

ainda registrar as dificuldades e desafios enfrentados, assim como ganhos e expectativas quanto ao ensino na rede pública estadual e municipal, considerando a formação de professores como um elemento que pode interferir na qualidade da aprendizagem na Educação Básica.

Além disso, os registros das dificuldades e desafios enfrentados, assim como ganhos e expectativas, quanto ao ensino na rede pública de ensino, geram a opinião tanto dos professores quanto dos estudantes de formação de professores e também quanto à qualidade do ensino oferecido na formação profissional dos professores que irão atuar na Educação Básica.

Analisaram-se, desse modo quais as maiores dificuldades que um professor, mesmo experiente, encontra em sala e como a formação continuada o auxilia nesse desencontro educacional, intitulados por sabores e dissabores pós-formação continuada de professores.

A metodologia adotada neste trabalho baseou-se no instrumental análise de conteúdo, uma vez que foram lidos textos relacionados ao tema trabalhado para a produção do presente trabalho, cujos autores encontram-se listados nas referências. Além deste procedimento, realizou-se investigações através de questionários em que captou-se relatos de professores sobre a forma que este profissional participa da formação continuada de professores e como esses resultados ajudam na sua qualificação didática e no seu desenvolvimento, enquanto profissional.

Foram considerados os seguintes artefatos para análise empírica: depoimentos de professores graduados; as inquietudes e perplexidades de professores que estão em pleno exercício do magistério; a visão histórica alicerçada em pesquisas teóricas, análises e práticas em sala de aula sobre o contexto de Formação Continuada de Professores.

Dois procedimentos de pesquisa foram desenvolvidos através da observação das práticas, com fichas-padrão e temáticas, além das conversas com professores. Foram selecionados seis professores de áreas diversificadas, envolvendo uma escola municipal e uma estadual do estado da Paraíba de duas regiões diferentes.

2. DA FORMAÇÃO INICIAL À FORMAÇÃO CONTINUADA

A formação inicial mantém características constituídas na sua gênese, não sendo mais entendida como lócus que encerra a aquisição da competência necessária “ao ser professor” (NÓVOA, 1995b).

A necessidade de continuidade de quem já é professor é criada a partir da responsabilidade pela propagação do saber socialmente constituído, da evolução do conhecimento, quanto aos processos de ensinar e de aprender, do fracasso escolar expresso nos índices de repetência.

Procurando compreender as motivações que levam os docentes a buscarem uma formação continuada, elaborou-se no formulário um item para captar estas informações.

Considerando o público pesquisado, identificaram-se professores que procuram a formação como uma atualização de técnicas e assuntos das disciplinas e um enfoque mais contemporâneo dos conteúdos através da consulta de obras literárias de diferentes autores e de outras disciplinas relacionadas, da pesquisa em revistas, jornais e outras fontes capazes de proporcionar ao professor conhecimentos atualizados. Mencionaram também a importância de se ter Universidades equipadas com tecnologias avançadas, onde os professores sejam capacitados desde a formação inicial a utilizarem as variadas ferramentas tecnológicas em sala de aula.

Outra mudança necessária à formação de professores seria a capacitação destes profissionais, oferecendo ferramentas para o professor atuar no processo de aprendizagem, obedecendo aos desafios das diferenças e se pudessem montar o currículo do curso fossem escolhidas disciplinas de acordo com a sua prioridade, do mais importante ao menos relevante. Sinalizam que primeiro fossem abordados temas transversais, versando sobre a metodologia de ensino em sala de aula às práticas pedagógicas, pois estas ficam a desejar no curso de formação continuada.

As opiniões dos sujeitos pesquisados sugerem a oferta de salários mais justos aos professores formadores, o que conseqüentemente produzirá mais incentivo e mais comprometimento ao formar.

Cinco professores destacaram a importância dos cursos de formação continuada promovidos por instituições públicas e privadas que possibilitem o acesso de todos os professores e não de formações continuadas com finalidade de treinamento, chamadas de “capacitações”, dois dias antes de começarem as aulas. Alertam para a necessidade de um planejamento mais voltado para discussões em relação às dificuldades e pressões enfrentadas no cotidiano escolar destes professores.

Para o desenvolvimento deste capítulo, foram selecionados doze professores de áreas diversificadas, envolvendo seis professores de uma escola municipal na região de São Francisco e uma estadual em Sousa ambas no estado da Paraíba e elaborados questionários destinados a professores graduados para atividade acadêmica, tendo como objetivo o enriquecimento deste trabalho de pesquisa com a opinião dos sujeitos investigados sobre a inquietude e a perplexidade dos principais envolvidos nesta formação, mediante a análise das respostas fornecidas.

Ao serem distribuídos doze questionários, dos quais onze foram respondidos, os professores tinham formação Inicial nas áreas de Pedagogia, História, Letras, História, Geografia, Biologia e Matemática. Participaram também um Mestre em História e especialistas em psicopedagogia e geopolítica. A análise metodológica utilizada considerou as opiniões individuais dos participantes agrupando-as de acordo com a proximidade das respostas.

Entretanto, o avanço do conhecimento, nas últimas décadas, e o seu inter-relacionamento com o desempenho profissional trouxeram à tona a necessidade de atualização e de aperfeiçoamento constante dos que atuam na educação.

Rodrigues e Esteves (1993) afirmam que a formação não se esgota na formação inicial, devendo prosseguir ao longo da carreira, de forma coerente e integrada, respondendo às necessidades de formação sentidas pelo próprio e às do sistema educativo, resultantes das mudanças sociais e/ou do próprio sistema de ensino.

É de fundamental importância o estabelecimento de uma formação inicial que proporcione ao futuro professor um conhecimento válido gerando uma atitude interativa e dialética que o conduza a valorizar a necessidade de atualização permanente, em função das mudanças que se produzem.

A formação continuada de professor deve ser um processo de reflexão que permita construir uma escola mais justa e democrática e, conseqüentemente, mais coadunada com a realidade sociocultural plural brasileira.

A prática social inicial do professor, em sua trajetória profissional, não pode se constituir em sua prática final. Essas mudanças ocasionadas pela formação, pelas aprendizagens e pelos atos que a educação se propõe é que determina que o trabalho seja uma ação humana intencional e pensada, e se concretiza nas interferências cotidianas da prática docente, com interferência também na discente, pode-se falar aqui de formação enquanto mudança de atitudes e não capacitação, quando a prática final do professor se constituir em ações mais elaboradas que aquela inicial.

Em geral, a formação continuada oferecida nas últimas décadas teve como propósito a atualização e aprofundamento de conhecimentos como requisito natural do trabalho em face do avanço nos conhecimentos, as mudanças no campo das tecnologias, os rearranjos nos processos produtivos e suas repercussões sociais (GATTI e BARRETO, 2009, p. 215).

Segundo Feldmann (2009; p. 79, 80) a formação continuada de professores, articulada aos fazeres na e da escola, além de uma formação compartilhada, é “também uma auto formação, uma vez que os professores reelaboram os seus saberes em experiências cotidianamente vivenciadas”.

Os desejos, as intenções pessoais dos professores que os levam a determinadas ações docentes são moldados culturalmente pelos "outros" docentes que convivem no mesmo contexto e que com suas expectativas e práticas se tornam referências, matrizes do desempenho de sua tarefa, o que mostra que essa tarefa, embora traga em si a dimensão da singularidade, mescla a dimensão pessoal e social e é sempre uma empreitada coletiva.

Portanto, o ato de ensinar e de se formar, embora tenha características de individualidade, é sempre um trabalho coletivo. A ação do professor na escola é construída na relação e a partir da ação dos outros professores, de modelos ético-pedagógicos presentes, das finalidades do sistema escolar e do projeto político-pedagógico de cada contexto escolar.

Os estudos sobre os professores e sua articulação com a produção do lócus escolar não podem ser feitos desvinculando-se da análise de definição de políticas públicas, que geralmente não valorizam o professor como um ser provido de saberes próprios, advindos da experiência, e capaz de contribuir significativamente para as discussões sobre o seu trabalho docente na construção do conhecimento sistematizado e na produção da escola.

Aponta-se, a partir de estudos e pesquisas, a premência de definição de políticas públicas que garantam a participação ativa dos professores nas várias instâncias decisórias do currículo e do trabalho pedagógico.

A isso se incorporam a necessidade e o direito à formação continuada, de responsabilidade não apenas individual, mas, sobretudo institucional, incluindo-se nessa análise o cenário do desenvolvimento de melhores condições de vida e de trabalho, com remuneração adequada à condição de dignidade humana. De acordo com GATTI (2013), escola capacita as pessoas para o exercício da cidadania, é um lugar de direitos que se entrelaça com direitos políticos e econômicos das pessoas.

Quando se fala em formação como processo é uma construção que não fica restrita a uma instituição, à sala de aula, a um determinado curso, pois os professores podem formar-se mediante seu próprio exercício profissional, partindo da análise do seu cotidiano e de suas inquietudes com as diversidades do seu dia a dia, situações políticas, experiências, concepções, teorias e outras situações formadoras.

A escola não é o único meio responsável por uma formação, embora seja uma instituição educativa e/ou de formação de professores que precisa ser desenvolvida assim como a Formação continuada de professores envolve despesas ou sacrifícios, de maneira sólida e coerente amparada por uma meta significativa. Porém não dá para achar que é esta a salvação dos problemas de ensino, problemas que vão desde sua formação inicial às políticas educacionais, passando pelo posicionamento da sociedade já que a ser professor hoje é muito complexo, entretanto também não há abertura para o ingresso fácil nas escolas por profissionais que não tem formação adequada e, às vezes, o mínimo de preparo. Nesse sentido, pode ser encarada como uma profissão imediatista que dispensa uma formação de qualidade.

Conforme Feldmann (2009, p.75), pensar a formação de professores é sempre pensar a formação do humano e, nessa perspectiva, se vislumbra a construção de mudanças em qualquer que seja seu espaço de ação. Mudança entendida como aprimoramento da condição humana, como liberdade de expressão e comunicação e como desenho de possibilidades de um mundo melhor, de uma melhor convivência entre as pessoas.

A análise realizada identificou o pensamento, acerca da formação continuada de professores observados, como uma formação cultural pela qual os docentes construíram um saber de formação peculiar, onde a recorrem a fim de um aumento salarial. Mesmo assim existem professores que criam condições de aprendizagem e, com base, na realidade dos alunos, eles conseguem, na especificidade da cultura regional, o estabelecimento de uma formação inicial que proporcione ao professor um conhecimento válido e gere uma atitude interativa e dialética que conduza a valorizar a necessidade de atualização permanente, em função das mudanças que se produzem.

Pérez Gómez (1997), referindo-se aos cursos de formação inicial, indica que o modelo que predomina atualmente concebe o professor como técnico. Ele explica que, sob essa ótica, a atividade docente seria essencialmente instrumental, apoiando-se na aplicação de teorias e técnicas científicas. Essa visão determinaria a hierarquização nos níveis do conhecimento em que o conhecimento teórico, sistematizado e controlado, sobrepõe-se a qualquer outro.

Dos professores pesquisados, ressaltando o sujeito investigado com mestrado e os três professores com especialização responderam que a formação continuada é uma importante condição de mudança das práticas pedagógicas, entendidas a partir de dois aspectos: o primeiro como processo crescente de autonomia do professor e da unidade escolar e o segundo como processo de pensar-fazer dos agentes educativos e, em particular, dos professores, com o propósito de concretizar o objetivo educativo da escola.

Isso significa que a mudança educacional está relacionada à formação do professor e à inovação de suas práticas pedagógicas, principalmente na sala de aula, além de estar também associada aos projetos educativos da escola. Considera-se ainda a necessidade de o espaço destinado aos planejamentos escolares fossem usados com uma formação continuada em

que os docentes pudessem aproveitar a escola realmente como um lócus privilegiado de discussões e reflexões de suas práticas pedagógicas.

Destaca-se aqui que uma das grandes lacunas da educação na formação inicial e continuada de professores é a falta de formação específica dos educadores em que capacite realmente o profissional para as demandas educacionais cotidianas. Pois, pode-se inferir que embora nos discursos e documentos, as ações inovadoras ficam muito mais no plano ideológico do que na realidade escolar, continuando atrelada a modelos inibidores de mudanças significativas.

Nesse entendimento, Nóvoa (1997, p. 28) enfatiza que “hoje não basta mudar o profissional; é preciso mudar também os contextos em que ele intervém”.

Formação continuada e a prática pedagógica são atividades articuladas e integradas ao cotidiano dos professores e das escolas. Nesse caso, é importante buscar coerência entre as concepções que as desenham e as ações que as revelam/desvelam e como elas de fato se materializam.

1.1 FORMAÇÃO DE PROFESSOR PARA DIVERSIDADE CULTURAL

Uma formação continuada de professores, a partir da perspectiva multicultural pós-colonial ou pós-moderna, sugere que há uma íntima relação entre o ressurgimento da questão multicultural e o fenômeno pós-colonial, favorecendo a compreensão de que as identidades e as posições políticas não se conformam a binarismos sendo essencialmente híbridas, sincréticas, não puras.

Isto significa dizer que o multiculturalismo, a partir desta perspectiva, incorpora a hibridização ou hibridismo (CANEN, 2007) como dimensão intrínseca à pluralidade cultural, superando binarismos, questionando a existência de identidades fixas, centradas e unificadas. Identidades essas que são compostas por múltiplos marcadores/camadas (racial, étnico, de gênero, de religião, de linguagem e outros) que se articulam na construção das identidades plurais, como resultado de conflitos, choques e sínteses culturais.

Nesse sentido, Bhabha (1998) e Hall (1997, 1999; 2008), suas teorias estão alicerçadas na centralidade em que as questões culturais têm assumido em todos os aspectos da vida social, afirmam que em tempos de incertezas, diversidade, pós-colonialismo, migração e globalização. Cada vez mais se projetam identidades culturais híbridas como resultado do cruzamento, da co-presença espacial e temporal e da interação de diferentes trajetórias identitárias.

O hibridismo se refere ao lugar, uma reconfiguração, um terceiro espaço constituído a partir de um movimento que não é linear, mas que recebe influências de diferentes pontos de referência e/ou origem, por meio de conexões múltiplas e laterais e que nunca se completa. A relevância do estudo dessa característica dá-se na medida em que problematiza silêncios e levantam tendências, ênfases e lacunas, com possíveis potenciais de desdobramento, na produção do conhecimento na área e com expectativas de impactos nas teorias e práticas de formação continuada de professores para a diversidade cultural.

Uma parceria entre universidades e escolas, com a fértil troca de saberes no contexto da formação continuada, pode representar instância

multicultural transformadora, na medida em que permite o encontro entre culturas diferenciadas e novas sínteses dele decorrentes.

As pessoas não nascem educadores, se tornam educadores, quando se educam com o outro produzem a sua existência relacionada com a existência do outro em processo permanente de apropriação, mediação e transformação do conhecimento por meio de um projeto existencial e coletivo de construção humana.

Ao colocar ênfase na questão da diversidade cultural na formação de professores implica mencionar que um projeto existencial e coletivo de construção humana está comprometido em promover aprendizagens que despertem a capacidade do educador em interagir com a problemática do contexto no qual a instituição está inserida, na busca constante da atualização dos conhecimentos adquiridos, tanto dentro como fora do contexto interdisciplinar de trabalho relacionado com outras áreas de atuação.

Vencer os desafios da formação continuada de professores para a diversidade cultural implica no confronto entre o velho e o novo, pois na identificação de semelhanças e diferenças, na revisão de hipóteses e concepções sobre conceitos, de modo, pois o professor amplia gradativamente seus esquemas mentais de forma coerente (GATTI, 2013).

A formação continuada de professores possui um papel relevante, uma vez que prepara professores para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania.

Segundo Canen (2011) existe uma necessidade de maior articulação entre estudos curriculares multiculturais pós-coloniais e o “chão da escola”, de modo que se percebem formas pelas quais o cruzamento de fronteiras, a hibridização identitária e a pluralidade podem ser conectadas ao currículo escolar e de formação docente, para além de disciplinas específicas que tratem dessas questões.

Não basta que os docentes se encontrem diante de um novo conhecimento ou situação, é mister que eles atuem como mediadores que contextualiza a aprendizagem, propondo desafios adequados à etapa de desenvolvimento e às experiências do aluno frente às diversidades culturais, e

que tenham um olhar multicultural pós-colonial, na intensificação de estudos sobre histórias de vida, narrativas e ações dos atores escolares e de formação docente, entendendo tais vozes plurais como constitutivas das identidades institucionais e como protagonistas de ações curriculares (SILVA,1999).

É o professor quem estimula o aluno a levantar perguntas, questionar ideias, em suma, que provoca os desequilíbrios e a reflexão sobre o próprio processo de aprender. Nessa perspectiva, a sala de aula deixa de ser o espaço em que conhecimento do senso comum é considerado, em que o conteúdo é aplicado a situações práticas e onde são adquiridos conhecimentos sistematizados.

O professor pode instituir momentos de ajuda, ou simplesmente permitir que as ajudas emergidas nos grupos aconteçam e possam ser alimentadas durante as práticas educativas. “O que sei”, “no que posso ajudar”, “o que não sei” e “no que preciso de ajuda” podem ser frases que têm sua concretização no cotidiano escolar e que os aprendizes utilizem a ajuda do docente com naturalidade para serem vencidas as inquietudes e perplexidades do professor.

Sem a pretensão de esgotar o tema e as formas de como superar processos de reflexão que permitam construir uma escola mais justa, mais democrática e, conseqüentemente, mais coordenada com a realidade sociocultural plural brasileira, entende-se que poderão ser feitas algumas orientações metodológicas na tentativa de minimizar a distância entre a teoria e a prática.

Tais orientações baseiam na concepção de que ensinar e aprender são processos inseparáveis e que se aprende a ensinar quando é capaz de perceber como os alunos aprendem. E para se estabelecer se houve ou não aprendizagem é preciso que as mudanças ocorridas sejam relativamente permanentes.

Existem pelo menos sete fatores fundamentais para que tal aprendizagem se efetive. São eles: saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação, inteligência, concentração ou atenção e memória (MIZUKAMI, 2010). A falta de um desses fatores pode ser a causa de insucessos e das dificuldades de aprendizagem que irão surgindo.

A formação Continuada é mais do que um desafio que precisa eliminar preconceito. É ter o desejo de transformar e a capacidade para lidar com as frustrações do ofício.

Segundo Dalben e Eiterer (2010, p.17) falar de controvérsias e tensões no campo da formação e do trabalho docentes é falar dos problemas da didática e das questões que envolvem a realidade social, econômica, política e pedagógica que constituem o ato educativo.

A disciplina didática tem acompanhado os debates propostos por esse contexto, pautados na sua característica marcante de estar sempre focada na prática pedagógica. No âmbito das formações iniciais de professores são identificadas fragilidades no ensino da didática, a falta de relação entre o conhecimento escolar (didática), o conhecimento científico (epistemológico) e o conhecimento cotidiano, onde não existe ou falta à inter-relação entre a teoria e a prática pedagógica.

O bom professor deve ser um pesquisador do seu campo teórico e, ao mesmo tempo, ser capaz de “transmitir” – sem qualquer conotação pejorativa - a seus alunos, esse conhecimento acumulado que é a sua própria síntese até aquele momento. Isto não significa que essa síntese deva se cristalizar: ela pode evoluir ou até mesmo se negar, mas o que vige para ele até então, o bom professor deve ser capaz de ensinar.

O que se espera de uma formação continuada de professores é que o mesmo seja capaz de auxiliá-los na transformação das informações em conhecimentos que os levem a uma estruturação dos campos teóricos em aprendizagens e uma satisfação plena de absorção de conhecimentos, um saber fazer, levando-o a uma reflexão de sua prática transformando-se num constante pesquisador e experimentador (GATTI, 2013).

A formação pessoal acontece em vários momentos da vida, Nóvoa (*apud* GENTILE, 2001) diz:

A formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno (educação de base), como aluno-mestre (graduação), como estagiário (práticas de supervisão), como iniciante (nos primeiros anos da profissão e como titular (formação continuada). Esses momentos só serão formadores se forem objeto de um esforço de reflexão permanente. (NÓVOA *apud* GENTILE, 2001, p.14).

Ao concluir o magistério ou a licenciatura é apenas uma das etapas do processo de formação de professor. O aprender contínuo é essencial para esta profissão. Um professor nunca para de aprender, é um eterno aprendiz.

A formação continuada de professores é uma ação em conjunto que deve envolver o docente, a escola e a comunidade, ela precisa mais do que uma história, precisa do cognitivo, da alteridade e da construção do aluno como objeto de construção do conhecimento.

De acordo com Canen (2011), a formação continuada de professores possui um papel relevante, uma vez que preparar professores para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e consideradas fatores enriquecedores da cidadania inclusive quando afirma que a diversidade deve ser assumida dentro de uma política de crítica e de compromisso social.

Já Hall (2006) relata que a homogeneização cultural é o grito angustiado daquele/as que estão convencidos as de que globalização ameaça solapar as identidades e a “unidade” das culturas nacionais.

A formação continuada não pode ser considerada apenas como um processo de acumulação de cursos, palestras, eventos científicos, mas como um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e de reconstrução permanente de uma identidade docente.

A grande preocupação revelada pelos professores nos questionários era apenas em participar de cursos de formação continuada a respeito do retorno que iam alcançar com uma formação continuada, mas mesmo assim ainda obtivemos as seguintes respostas: melhoria na aprendizagem dos alunos, o retorno financeiro futuro e a “elevação cultural” tanto dos alunos quanto dos professores.

1.2 INQUIETUDES E PERPLEXIDADES EM QUESTÃO

Após coletar todas as falas, entrevistas e depoimentos, os resultados foram expostos e analisados de acordo com a abordagem de pesquisa qualitativa.

A questão da inquietude, a busca constante de encontrar respostas para a diversidade cultural brasileira constitui-se fonte inesgotável de uma procura constante de aperfeiçoamento e formação continuada para professores, provocando uma procura constante de uma educação valorizada da pluralidade no contexto escolar.

O multiculturalismo afeta o professor na sua totalidade. O professor sofre pela subestimação que sente por não conseguir cumprir com aquilo que espera de si mesmo e com o que os outros esperam dele, sofre, também, com a desvalorização que enxerga no olhar dos demais.

Em consequência, o fracasso escolar do aluno, como sujeito no processo do ensino-aprendizagem, mexe com o ego do seu íntimo e como ser social da pessoa, levando em consideração o lugar que tem o sucesso social no mundo em que se vive hoje, tornando mais difícil a compreensão e ajuda do professor.

A inquietude e angústia com a diversidade é complexa; suas manifestações podem ser sintomas de uma infinidade de fatores.

A identidade e a diferença como destaca Hall (2011), como categoria central a identidade e a diferença entendidas como construção discursiva que se desloca e se conflita “reinscrevendo” novos signos em sua composição. É importante que o aluno e o professor conheçam seus pontos fortes e suas áreas de dificuldade, a forma como aprende e como poderia compensar suas áreas deficitárias.

As exigências da sociedade do conhecimento provocam muitas dúvidas, incertezas, inseguranças, as mais diversas reações de perplexidade em relação ao ensino-aprendizagem, e quando se trata de corpo docente hoje há uma corrida desenfreada à busca de formação inicial precária, em que muitos professores, por falta de opção, por não terem tempo de estudo, por alegarem o baixo salário, falta de tempo para leituras científicas e inúmeros fatores,

correm atrás de cursos imediatistas com objetivo único do certificado, para ter um adicional ou bolsa qualquer nos contracheques, dentre outros aspectos.

Existe também o professor que insiste em uma luta constante e na persistência de uma profissão com compromisso ou por crerem que um dia a educação sairá do caos, e passará a ser vista como um compromisso político e ético com uma Educação de qualidade efetiva e não apenas como discurso.

Alguns professores perderam o exclusivo privilégio do saber como falam alguns teóricos, um saber que, também se desvalorizou. As suas relações com o saber são hoje bastante diferentes do que eram no período áureo da expansão da escola. Hoje, não só o professor já não detém a exclusividade da posse do saber, como também este, ele próprio, é posto em questão:

Já não é possível falar do saber sem reenviar para toda uma série de que não são inéditas, mas que adquirem uma significação: A que necessidades responde este saber? Quais são as condições da sua produção e da sua reprodução? Quais são os responsáveis pela sua elaboração? Para que serve? A quem beneficia? (NÓVOA, 1987 a, 777)

Segundo Nóvoa (1995), o professor está assoberbado e acredita que muitos fazem mal o seu trabalho devido à incapacidade de cumprirem um enorme leque de funções.

Para além das aulas, devem desempenhar tarefas de administração, reservar tempo para programar, avaliar, reciclar-se, orientar os alunos e atender os pais, organizar atividades várias, assistir a seminários e reuniões de coordenação, de disciplina ou de ano, porventura mesmo vigiar edifícios e materiais, recreios e cantinas. (NÓVOA, 1995, p. 108)

Os professores pesquisados afirmaram participar das atividades de formação continuada de professores porque reconhecem suas contribuições para a melhoria da sua prática pedagógica.

Embora não consiga expressar efetivamente quais são estas contribuições, o que indica uma contradição, visto que a formação continuada só se consolida quando propicia o aprimoramento da prática pedagógica em todo o seu processo de auto-reflexão-ação-transformação no trabalho docente. Porém, na maioria das vezes ficam mais angustiados, porque tem a certeza de que não existe uma fórmula pronta e acabada para o exercício de sua docência

e esses cursos quando ofertados pelas secretarias de estado ou município são impregnados de uma ideologia que aponta o corpo docente pelas falhas na educação.

1.3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INFORMÁTICA

O mundo passa por transformações devido aos avanços das novas tecnologias. Não é suficiente que o docente diga apenas para os discentes pesquisarem na Internet sobre um determinado assunto. Por isso, que o professor, gestor do conhecimento, deve estar por dentro das mudanças tecnológicas a fim de orientar seus alunos, interagindo e motivando-os para a busca do conhecimento intelectual. O ensino é “a mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino” (p. 27).

Segundo alguns teóricos na sociedade contemporânea, os espaços coletivos da produção, construção e disseminação do conhecimento vem sendo expandidos e interconectados, principalmente em função do crescimento vertiginoso das tecnologias digitais da informação e da comunicação. A nova realidade comunicacional característica da sociedade do conhecimento exige novas formas de ensinar, aprender e produzir conhecimentos.

O docente da Era Digital tem a responsabilidade de sempre estar atualizado frente às novas tecnologias, capacitando-se para desenvolver mais habilidades e métodos pedagógicos dinamizados pela internet. Aproveitando os ciberespaços e estimulando seus ciber alunos a buscarem seus conhecimentos descobrindo novos recursos para desenvolver seu aprendizado.

A sociedade questiona os sistemas educativos tradicionais, principalmente os papéis de professor e aluno. Torna-se fundamental distinguir os recursos tecnológicos e a forma de utilizá-los, pois não há máquina que substitua o professor – e quando ocorre é porque o professor o merece. Apertar a tecla de um vídeo sobre o assunto e deixar os alunos assistirem passivamente nada tem de tecnologia.

Atualmente a escola está recheada de recursos tecnológicos e digitais, os alunos com tablets e os professores quase analfabetos digitais, pois a maioria não possuem recursos financeiros, tempo ou mesmo um computador para acompanhar a evolução digital dos alunos, por vezes, dispõe do material,

mas possui pouco conhecimento para manipulá-lo, sobretudo como recurso pedagógico, que de fato altere a relação metodológica com o conteúdo escola, objeto do conhecimento.

Uma situação real de aprendizagem com a utilização destes diversos artefatos, no dia a dia do professor é preocupante, pois vemos alunos pelos pátios das escolas com seus equipamentos tecnológicos sem objetivo algum, se o professor passa um trabalho ou atividade eles apenas copiam ou imprimem algo pronto, sem exercer mesmo a habilidade de leitura, quando se faz alguma discussão acerca de determinado tema o aluno não consegue ir além, demonstrando sua percepção a partir da informação a que teve contato.

Fala-se muito na mudança do complexo sistema educacional em que são exigidas múltiplas ações das quais, as mais importantes são aquelas capazes de provocar um impacto grande na qualidade da formação e da prática docente.

A exemplo, pode-se mencionar que a educação busca na informática a melhoria para a formação continuada de professores a exemplo do ProInfo desenvolvido numa parceria dos governos federal, municipal e estadual como limite na popularização do acesso às modernas tecnologias, oferecendo algumas referências teóricas e práticas que facilitam a apropriação das novas tecnologias e seu uso como objeto transformador no sistema educacional. Esses investimentos em recursos tecnológicos e em formações para a manipulação dessas ferramentas intenciona melhorar a qualidade do ensino ofertado nas escolas, considerando a demanda da sociedade informatizada e cada vez mais exigente.

No decorrer de sua vida profissional o professor, em diferentes níveis e organizações, encontra-se desorientado com as vertiginosas evoluções socioculturais e tecnológicas do mundo atual que o levam a inquietudes e aflições neste novo universo de seu cotidiano pessoal e profissional. Este se vê socialmente rodeado pela necessidade de uso desse aparato e por outro pela obrigação também de saber utilizá-los para favorecer o ensino.

A informática apresenta-se como uma constante no processo formador, quer seja no lócus escolar quer no âmbito das universidades servindo como orientações na formação continuada do corpo docente.

Enquanto a instituição escolar não fornecer um ambiente propício ao professor que o leva a uma reflexão de sua prática e não de um modelo de educação baseado em programas de tentativas em que a prática docente é desenvolvida no espaço entre dois extremos e com mudança que prevalece mais aos interesses e as necessidades dos alunos, o professor viverá as suas perplexidades e inquietudes.

Se o computador for usado como uma ferramenta de reflexão pedagógica, contribuirá na consciência de sua prática pedagógica como enfatiza Prado (1995, p. 231).

A teoria que possibilita superar a prática tradicional instrucionista do uso do microcomputador na educação tem concepção de uma teoria de em movimento resultante de uma metacognição.

Quando é proposta uma formação continuada de professores na área tecnológica nota-se que a classe docente até se aventura em uma busca para o enfrentamento e construção de novos conhecimentos. Porém ao deparar-se com o fator decisivo de que a tecnologia está “engolindo” as escolas percebe-se que é muito importante, repensar o papel e a função da educação escolar – seu foco, sua finalidade, seus valores, sobretudo nessa era tecnológica.

Conforme Valente (1993) o computador deve ser usado como um instrumento capaz de criar condições de aprendizagem, o professor deixando de ser repassador de conhecimento para ser o criador de ambientes de aprendizagem e facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno com referência.

A tecnologia será importante, mas principalmente por que irá nos forçar a fazer coisas novas, e não irá permitir que façamos melhor as coisas velhas. (DRUCKER, p.153, 1993)

Partindo dessa premissa analisa-se que mesmo com todo esse aparato, na realidade, os participantes de formação continuada de professores, ao usarem as novas tecnologias, o fazem repetindo sua prática, sua postura metodológica, a diferença é apenas o suporte utilizado, desta feita, o computador.

Com a inserção das novas tecnologias digitais e o aumento exponencial da informatização nas escolas, tais ferramentas de aprendizagem aludem a uma nova organização de trabalho, porém o professor ainda é o instrumento humano imprescindível no processo de fomento do ensino aprendizagem.

Alguns programas de qualificação em tecnologia digital inicial são oferecidos, mas, nesse sentido, o professor é direcionado para uma determinada especialização, pois o tempo necessário para a formação não se ajusta com o período de trabalho em sala de aula.

Diante das exigências e responsabilidades atribuídas ao professor, a massificação do ensino não foi acompanhada por cifras suficientes de investimentos para suprir reais necessidades. Assim, essa escassez de recursos materiais e as deficitárias condições de trabalho dificultam a docência, ocasionando, muitas vezes, durante o repasse das capacitações a elaboração de um planejamento sem nenhuma flexibilidade para a formação qualificada.

O professor adaptado às novas tecnologias tornar-se-ia apto ao ambiente virtual, pois o que se percebe é um avanço maior por parte dos alunos em 'anos-luz' a sua frente. Nota-se que a maioria dos docentes não sabe ligar sequer o cabo de entrada num data show, operando de forma rudimentar a tecnologia que chega à escola.

Trabalhar esse professor na mudança substancial do ensinar e o aprender se faz necessário, além de incentivá-lo a utilização das técnicas digitais no ensino, permitindo o estímulo a pesquisas interdisciplinares adaptadas a realidade dos discentes.

Conforme Schlemmer (2013) vive-se num momento histórico-social e político marcado pela rápida e crescente produção, disseminação e uso diferentes tecnologias digitais interligadas em redes, as quais possibilitam em questão de segundos, pessoas de diferentes raças, credos e culturas, independentemente do espaço físico e do tempo a terem acesso a grande quantidade de informação. É por meio dessa ação, da interação em rede, que as pessoas realizam trocas de toda natureza, compartilham experiências, aprendizagens, ideias e projetos, construindo conhecimentos de forma colaborativa e cooperativa. Eis o desafio da escola nessa área.

É nessa perspectiva que ao tema ser abordado no questionário aplicado aos professores, perguntou-se como eles veem a formação continuada de

professores através das tecnologias e de seus acessos e como eles usam em suas aulas esses recursos tecnológicos. Notou-se que, a angústia quanto à falta de apropriação dessas ferramentas está vinculada a falta de sistemas formativos, processos de formação e capacitação participativos em proporcionar ao sujeito ser um cidadão desse tempo, o que torna-os processos de transferência de informações angustiantes para alguns com questões formuladas por dois dos sujeitos investigados:: aulas com computadores ou tablets para quê? Para quem? Ensinar o quê? E o ensino não continua o mesmo?

Para discutir o que há com esses professores o uso “adequado” na proposição de programas de capacitação e treinamento das TIC há de reconhecer que não se deve entender que o professor é retirado de cena como muitas vezes se questiona, mas, se não houver consciência da potencialidade desses recursos, mas que o professor é que pode e deve promover situações de aprendizagem considerando as especificidades da escola e de sua função social relegado a um papel secundário, onde suas ações constrangidas a aspectos como o tempo necessário à execução de tarefas estabelecidas, como citam teóricos como Schemmer (2013)

São situações que traduzem bem a postura existente em face da pouca consideração dispensada quanto às políticas públicas de determinados governos com o objetivo de promover o uso pedagógico da rede pública de educação básica, levando as escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais por meio do Proinfo, constituindo-se como um dos principais desafios enfrentados pelos docentes na atualidade.

[...] a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica [...]. A tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas, (CASTELLS, 1999, p. 25).

Não se resolvem todos os problemas educacionais pela inserção da tecnologia nas escolas, sobretudo porque um dos problemas mais grave que o Brasil enfrenta hoje é a qualidade da educação, sendo o acesso a escola garantido, mas a aprendizagem, o sucesso educacional dos alunos não

corresponde às estatísticas de cobertura educacional. Este cenário está profundamente relacionado à falta de professores e a precariedade na formação inicial de muitos dos que estão no exercício pleno da docência.

Ao se falar em formação continuada de professores e informática foi proposto aqui pelos professores entrevistados um tipo de formação enriquecida pela recontextualização das tecnologias digitais, sem serem esgotados na racionalidade instrumental e que as mudanças na escola venham do compartilhamento da construção de um projeto político-pedagógico que transcenda a dimensão individual, tornando-se um processo coletivo.

2. SABORES E DISSABORES PÓS-FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Ao professar, seus saberes. O professor do século XXI sente-se incomodado com atitudes de alguns que fazem a educação numa escola. É sabido que durante décadas, os professores sofrem como operários treinados e adestrados a um modo de tentativas de “saber-fazer”.

Assim como os alunos, o corpo docente precisa desenvolver habilidades e competências diversificadas, em sintonia com a época em que vivem a maioria desses professores mais que qualquer profissional tem urgência e a necessidade da continuidade de sua formação e desenvolvimento profissional como os pesquisados relatam. Essa necessidade é oriunda de o fato de o professor ser o profissional que lida cotidianamente com o conhecimento, então isso implica uma exigência de atualização, não se concebe o profissional do conhecimento sem estar em permanente estudo, formação.

Os níveis de graduação referente a formação acadêmica dos professores das duas escolas campo de pesquisa são bons, por se tratar de dois mestres, dois mestrandos, sete pós-graduados e apenas um só com a graduação, por não ter interesse, perto da aposentadoria e não ver mais vantagens em atingir outro nível de qualificação.

Em seus relatos afirmam o que se aprende na Universidade e experiências adquiridas em sala de aula com as práticas pedagógicas não os tornam professores suficientes para mantê-los longe de atividades de formações e é na busca pela formação continuada que tem a condição essencial para o sucesso individual não significando apenas seus títulos acadêmicos, mas a consciência da validade sempre efêmeras desses títulos.

São professores atuantes em áreas específicas e somente dois em mais de duas modalidades de ensino para complemento de suas cargas horárias. Fatores foram elencados ao fazerem suas formações continuadas como: falta de tempo, desmotivação financeira e custo alto nas formações particulares por trabalharem os três expedientes e sobrar apenas o final de semana tendo que abrir mão de sua família e lazer para calcar e acompanhar o chamado avanço do sistema educacional.

Na sua essência, a teoria sugere que a força motivacional para engajar em um comportamento é uma função multiplicativa das expectativas que a pessoa tem sobre quais as consequências resultarão do comportamento e o valor destas consequências.

Segundo Hall (1994, p.91), a teoria da expectativa não busca apresentar uma simples explanação para a motivação no trabalho que se aplique a todas as pessoas, o autor continua argumentando que:

Uma grande vantagem da teoria da expectativa é que ela permite o fato de que as pessoas desejam vários resultados ao mesmo tempo. As pessoas podem buscar tanto as recompensas intrínsecas quanto as extrínsecas e também explica por que algumas pessoas não se envolvem com o trabalho. (HALL, 1994, p.91)

Se as pessoas são orientadas para o avanço na carreira, mas o trabalho não contém essa possibilidade, então, é mais provável que se tornem desmotivadas.

Em relação aos professores pesquisados nas duas escolas ao falarem dos sabores que encontram nessas formações continuadas do conhecimento e de novas aprendizagens, observou-se um revelação de suas decepções e ao mesmo tempo, notou-se uma inquietude e perplexidade frente a constatação da existência de pessoas ocupando cargos de acomodação política nas escolas, sem o menor preparo ou competência técnica para tal. Isso pode ser considerado como o verdadeiro analfabetismo funcional, pois se atesta essa incapacidade quando se atribuem responsabilidade a pessoas que reduzem o trabalho escolar a festejar datas comemorativas, com reduzida capacidade de problematizar e compreender a instituição em que atuam, achando que é possível nessa sociedade complexa que o trabalho da educação possa ser meramente copiado de uma situação a outra.

Entretanto, em sua complexidade existem formações que acrescentam as práticas pedagógicas resoluções de situações problemáticas em suas experiências docentes. Mas é comum existir dissabores por parte dos professores, pois alguns não compreendem que receitas em educação não funcionam, pois uma experiência exitosa para uma realidade nem sempre se

repete em outra, considerando que os sujeitos são dotados de historicidade e subjetividade que lhes são próprias.

Além deste, outro aspecto precisa ser considerado, pois muitas vezes nesses cursos se tem acesso às formas corretas de se proceder diante de determinadas problemáticas, no entanto por vezes as recomendações não podem ser efetivadas por questões das mais diversas naturezas, dentre elas interferências políticas, jogos de poder. Constata-se, assim, muitas vezes que em educação há um investimento alto nos discentes e numa frustração individual pela falta de incentivo não só financeiro como motivacional por parte “professor, tendo em vista os inúmeros entraves que condicionam o trabalho deste profissional”.

Sobre tal problemática, um dos professores investigados, respondeu em seu questionário parafraseando Augusto dos Anjos: “Quem neste mundo vive entre feras sente o inevitável desejo de também ser fera” e quem trabalha na área docente tem na maioria das vezes demonstrado frustrações ou desinteresse em propor ou implementar mudanças e/ou programas alternativos.

Constatou-se com a pesquisa realizada uma crise de identidade na profissão docente e que os professores desempenham funções que ultrapassam o ensino na sala de aula, chegando a cumprirem uma carga horária de dezoito horas diárias em sala de aula, correndo de uma escola a outra ou até mesmo de um município a outro, sendo que esta realidade incide sobre a sua insatisfação e desmotivação, classificados por eles como sabores ou dissabores, com consequências para o professor e para o trabalho educacional.

Ao fazerem uma formação continuada de professores surgem inquietações que foram destacados nos questionários como: os fatores motivacionais destacando-se a autoestima, por se fazerem trocas e aprendizagens e exploração do conhecimento científico, por estarem em discussões que realmente colaboram para a formação de cidadãos críticos e participativos na elaboração de ações e metas, na criação de projetos e muitos outros assuntos dos quais vivenciam em seu ambiente escolar. Em contrapartida, baixo salário, falta de apoio e de reconhecimento pela parte

administrativa e gestores, assim como a ausência de diálogo no ambiente de trabalho trazem insatisfação e contribuem para a desmotivação.

Além de abranger uma extensa carga horária de ensino, as funções docentes, conforme relato dos pesquisados, cada vez mais, transcende o espaço próprio da sala de aula, compreendendo atividades extracurriculares, preparação das aulas, correção e avaliação dos trabalhos dos alunos, contato com os pais, reuniões pedagógicas e administrativas da escola.

Além desses, é preciso contar o trabalho em festas e eventos de final de semana promovidos pela escola, apelando para o comunitarismo e voluntariado para, angariar recursos que visam suprir suas necessidades materiais. Desse modo, atividades como essas, além das funções especificamente docentes acrescentam-se como obrigatoriedade docente compondo um rol de diversas e laboriosas tarefas.

Na metodologia de pesquisa foram utilizados questionários, analisados por meio de procedimentos quantitativos, para obter a frequência de certas respostas, aliados a uma abordagem qualitativa, sobretudo para captar os significados que os docentes atribuem aos elementos de sua profissão. Os sabores por eles aqui abordados a satisfação, é um estado emocional positivo compreendida como conjunto de sentimentos positivos em relação às experiências vividas no ambiente escolar, a satisfação aqui se refere a um estado atingido pelo sujeito quando suas necessidades e desejos são alcançados e concretizados.

De acordo com alguns teóricos, a satisfação tem, portanto, componentes afetivos. O conceito de motivação, contudo, diz respeito ao processo pelo qual um sujeito é impelido a agir. A motivação é referida à energia ou força psíquica que leva as pessoas a buscar em alguma coisa a partir de certas necessidades até então não satisfeitas.

Segundo Alves (2010), a motivação tem caráter cognitivo e é identificada com a mobilização de forças ativas e esforços do sujeito, com vistas à realização de certos objetivos. A motivação tende a levar o sujeito a superar obstáculos e ir adiante.

Os resultados que encontramos através da pesquisa exploratória com os 12 professores evidenciam a satisfação de dois dos respondentes em relação ao seu trabalho, insatisfação de oito, um que declarou estar mais ou menos

satisfeito e um que não respondeu ao questionário. Exemplos de suas respostas ilustram a relação de (in) satisfação dos professores.

- “Sim, a opção pela profissão foi o dom pelo magistério”. (P. 9)
- “Porque eu gosto de ensinar, me sinto realizado”. (P.7)
- “Gosto até de ensinar, mas o baixo salário e a desmotivação dos alunos faz-me pensar duas vezes se continuo ensinando”. (P. 4)
- “Gosto de ser professora, apesar do baixo salário é uma profissão maravilhosa, pois ensinamos a todos os profissionais”. (P.1)

Baseando-se nas respostas fornecidas, pode-se perceber que a maioria dos participantes possui um vínculo afetivo com o trabalho, ou seja, declaram que gostam do trabalho docente. Mesmo aqueles que se dizem insatisfeitos trazem algumas ressalvas que apontam para a existência de aspectos que os gratificam no exercício profissional.

Nesse sentido, pode-se argumentar que a profissão docente com toda a sua complexidade e, de certa forma, limitada por tantos aspectos guarda um sentido de responsabilidade e de importante função social como revelam algumas falas dos professores investigados.

- “Sei que estou numa profissão em que apesar de todas as dificuldades ainda acredito que educação tem o poder de transformar e agregar valores” (P.1)
- “Apesar de não ter a motivação que preciso, sei que de alguma forma um dia vai existir políticas públicas que valorize os professores” (P.4)

3. O PLANEJAMENTO ESCOLAR COMO UMA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Ao analisar as respostas do questionário dos professores referentes a planejamentos escolares como formações continuadas tanto da escola municipal como estadual esse é uma assunto que traz certo desconforto a alguns docentes, por perceberem que estas formações muitas vezes reforçam ainda mais as inquietudes e perplexidades em reclamarem de cursos oferecidos pelos órgãos gestores das Secretarias de Educação que não lhes acrescentam quase nada ou que oferecem poucas respostas aos desafios enfrentados no cotidiano.

- “Não procuro uma formação continuada por que sei que não vou ter tempo de estudar, ler, pois para tentar suprir minhas necessidades básicas ensino em três escolas diferentes e ainda tenho casa, marido e filhos para cuidar” (P. 4).
- “Sou solteiro e dedico todo meu tempo aos estudos, leciono apenas numa instituição, moro com meus pais e eles me dão todas as condições, por isso aos vinte e três anos sou mestre em História”(P.4).

Um professor se constitui e vai se formando ao longo do exercício da docência, além da formação inicial e continuada, mas esse processo precisa ser consciente. O professor precisa entender as razões que o levam a agir de um jeito ou de outro e com o início do ano letivo são propostos estes tipos de formações, que, na maioria das vezes, faz um docente chegarem à sala de aula mais desmotivado tendo em vista perceber-se que aos docentes sempre surgem cada vez mais responsabilidades, mais obrigações são acrescentadas ao seu fazer pedagógico.

Os novos saberes podem surgir através de métodos de formação continuada, experiência de formação, de práticas que usufruam de reivindicações de conhecimentos. Apesar da angústia dos docentes de terem formações que interfiram metodologicamente na realidade de suas salas de aula e por outro lado pela suposta decepção de reconhecerem que modelos, receitas prontas para serem aplicadas em sala de aula, costumam não funcionar como se deseja e também pelas questões políticas que interferem na

gestão das escolas, não pode negar o valor e a necessidade da formação continuada. O que se precisa fazer é melhorar esses processos.

O sistema realiza cursos de formação continuada no início do período letivo em tempo reduzido, não levando em consideração fatores determinantes ao sucesso da atividade como: cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos. Por sua vez, os professores muitas vezes sentem-se explorados e distantes de sua prática pedagógica torna-se um objeto de políticas governamentais reacionária de grupos políticos, que através de implementações de projetos oferecidos pelo governo federal não acrescentam melhora ao docente.

Os professores em meio as suas inquietudes e perplexidades buscam formações que atendam suas necessidades para uma certificação como forma de ter incremento salarial ou mesmo preocupados com a qualidade do trabalho que desempenham, por vezes denunciando que nem sempre a titulação dos docentes coincide com suas práticas. Há que se considerar que para além de altas titulações há docentes muito comprometidos com o trabalho que desempenham, enquanto portadores de muitos títulos não conseguem fazer a conversão destes em uma atividade pedagógica capaz de contribuir significativamente para o desenvolvimento dos alunos. Este fato sugere outra problemática maior e mais complexa do que a própria formação na qual outro fator também tem interferência.

Sobre o questionamento feito no formulário que inquiriu sobre a percepção dos docentes acerca do planejamento como uma espécie de formação continuada, as respostas foram variadas.

O professor P.6 declarou: “Sim. Porque ao planejar semanalmente, o professor pesquisa, ler, discute com os colegas sobre sua prática docente, sua metodologia”, seguindo o mesmo entendimento o docente P.7 respondeu afirmativamente, esclarecendo que

a formação Continuada decorre da necessidade de suprir as inadequações deixadas pela formação inicial, que repercutem fortemente no trabalho docente. E nada melhor do que o ambiente escolar, no planejamento escolar para vencer os desafios em atender às novas demandas que a profissão lhes coloca.

Em consonância, o professor P.5 enfatiza que “Sim. a busca de informações e a troca de experiências só tendem a enriquecer o conhecimento e não há momento, nem ambiente mais adequado do que esse momento do planejamento escolar”, nesse mesmo sentido o professor P.1 também responde afirmativamente e acrescenta:

Quando o planejamento torna-se uma formação continuada, uma capacitação e atualização do docente. Primeiro precisamos formar o professor para entender que a educação vive em constante mudança e que ele tem que estar caminhando lado a lado com essas mudanças.

Já o professor P.3 se pronuncia advertindo: “Depende. Quando o planejamento escolar torna-se apenas uma maneira de punição, ou cumprimento de carga horária sem objetivo algum, ele não serve como uma formação continuada de professores”.

Partindo das respostas fornecidas pelos sujeitos pesquisados, bem como considerando a fundamentação teórica relativa ao planejamento e a formação, notamos que o planejamento escolar deve ser voltado para a modificação de situações de ensino-aprendizagem nas escolas. Esse momento pode ser encarado, como formação continuada quando emanadas, discutidas, analisadas, estudadas as necessidades sentidas pelos próprios professores em suas práticas pedagógicas, considerando as situações cotidianas como momentos vividos juntos com os alunos e como atividade central do trabalho docente.

Uma leitura mais atenta da bibliografia disponível sobre Políticas Públicas, condições de trabalho na escola e desenvolvimento profissional docente, mostra que os estudos encontrados podem ser reunidos em dois grandes grupos. O primeiro deles centra a atenção no sujeito professor e o segundo grupo sobre a formação continuada de docentes.

Ao participar de planejamentos escolares sente-se uma lacuna dos recursos necessários para os professores exercerem sua profissão, onde os conteúdos, disciplinas, as teorias relativas ao processo de ensino aprendizagem e à avaliação de rendimentos dos alunos, inclusive os modos de conduzir a própria prática pedagógica precisam receber um tratamento mais sistemático, mais aprofundado e mais sólido.

O planejamento é um momento de encontro de profissionais da educação em que todos podem partilhar da necessidade e carências e ansiedades que os professores vivem e muitos veem este momento como uma forma de auxílio no entendimento da natureza dinâmica da docência e dos problemas por eles enfrentados.

Sobre esse aspecto e a importância do cuidado com essa organização e condução na escola, Placco e Almeida (2003, p. 47) esclarecem:

Uma função fundamental do coordenador pedagógico é cuidar da formação e do desenvolvimento profissional dos professores. É fundamental pensar a formação como superação da fragmentação entre teoria e prática, entre escola e prática docente, de modo que as dimensões da sincronidade possam se revelar e integrar, na compreensão ampliada de si mesmo, do processo de ensino e aprendizagem e das relações sociais da e na escola, síntese da formação e da prática docente como momentos com peculiaridades e especificidades que provocam contínua mudança nos professores e em sua prática.

É muito importante a figura do coordenador pedagógico, conhecido mais como supervisor escolar, embora ambas as funções sejam distintas, às vezes tende-se a achar que são as mesmas. Para que o mesmo possa se tornar uma formação continuada de professores, por vezes, vários empecilhos ocorrem tais como a atenção aos projetos e programas do governo assumirem caráter prioritário, bem como a própria cultura docente resiste às propostas feitas por ele e o cumprimento apenas de carga horária prevalece

De acordo com as falas dos entrevistados eles esperam que o planejamento escolar sejam uma continuidade das formações presenciais na escola através da realização de leituras, de discussões acerca da prática pedagógica à luz dos temas abordados na formação em consonância com a proposta pedagógica de cada instituição. Além disso, também demonstraram,, que os planejamentos dos diversos tipos de registros (diários de classe, caderno individual do professor, relatórios individuais das crianças, *portfólios* etc) são transformados em conversas improdutivas.

O ato de planejar não deve ser atividade pedagógica isolada e sim coletiva, devendo ser também coletivo o ato de ensinar. Isso indica que os docentes devem agir articuladamente entre si e com outros especialistas em

educação, permitindo ao trabalho escolar caminhar para um desenvolvimento integrado e interdisciplinar, mesmo quando se tratarem apenas de registros.

Do mesmo modo que, o aluno não trabalha isolado, mas em conjunto, de modo que os atos escolares de ensinar e aprender são coletivos o professor não pode também trabalhar sozinho.

Segundo Silva (1990) saber quem planeja a educação e com que finalidade torna-se o ponto de partida para o desocultamento ideológico. Os que trabalham diretamente no processo educativo, em sua instância, atuando como sujeitos, passam a orientar suas ações pelas decisões possíveis que a realidade da sala de aula lhes apresenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho foi de grande importância em nossa formação, pois permitiu-nos refletir criticamente sobre os processos formativos no processo educacional amplo. O exercício de análise e reflexão crítica do contexto e das condições em que o ensino escolar se efetiva é fundamental para que tenhamos práticas pedagógicas comprometidas com a educação como condição cidadã para alunos e seus professores.

Conforme anunciado, o objetivo fundamental deste trabalho a analisar possibilidades de contribuição da formação continuada de professores na construção da sua identidade docente, percebendo sua realização profissional, em seu projeto de vida assim como desenvolver habilidades de modo que permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e tornando-os cidadãos realizados e produtivos.

Considerando essa intenção podemos dizer que a formação continuada de professores contempla as orientações, os conhecimentos e a aprendizagem que foram realizadas durante a formação inicial, só que como o processo de formação inicial não da conta da complexidade que é a realidade atual, então são pensados cursos de formações continuadas para que professores possam sempre estar aperfeiçoando-se, atualizando-se em relações as discursões atuais que pautam o contexto educacional.

Além deste, a pesquisa teve o intuito de registrar as dificuldades e desafios enfrentados, assim como ganhos e expectativas quanto ao ensino na rede pública de ensino, considerando a formação de professores como um elemento que pode interferir na qualidade do ensino na Educação Básica. Sobre esse aspecto pode-se dizer que uma formação não se constrói por acumulação, mas com uma reflexão crítica sobre as práticas e que o ato de ensinar e de se formar, embora tenha característica de individualidade, é sempre um trabalho coletivo, como um processo em construção que não fica restrito a uma instituição, à sala de aula, a um determinado curso, ele compartilha relações que exigem habilidades, e junto com o outro elabora a interpretação do mundo.

A qualificação em formação continuada é fundamental para a preparação do professor submetido à diversidade cultural.

Nesse sentido reitera-se que a qualificação em formação continuada de professores afeta positivamente a formação crítica de professores e o comprometimento com sua profissão. Entende-se que esses elementos interferem como fatores essenciais para a qualidade do ensino.

O grande desafio que se impõe hoje para a formação de professores situa-se na compreensão das transformações que o mundo globalizado traz para a existência humana e para o conhecimento, alterando de forma significativa as políticas, estruturas e práticas educativas.

Formar pessoas no mundo atual é defrontar-se com a instabilidade e provisoriedade do saber, pois as verdades científicas perderam seu valor absoluto na compreensão e interpretação de diversos fenômenos. Com tal perspectiva, o problema da articulação entre o pensar e o agir, entre teoria-prática, configura-se como um dos grandes desafios para a formação continuada de professores. Vive-se um tempo de insegurança e incertezas.

Velhos paradigmas perdem sua força explicativa e outros surgem, sem, contudo, mostrarem ainda seu contorno e sua configuração delineados. É fundamental o estabelecimento de uma formação inicial que proporcione ao futuro professor um conhecimento válido, gerando uma atitude interativa e dialética que conduza a valorização da necessidade de atualização permanente, em função de mudanças que se produzam, tornando um processo de reflexão que permita construir uma escola mais coadunada com a realidade sociocultural, plural, brasileira, embora tenha características de individualidade, é sempre um trabalho coletivo.

O ato de ensinar e de se formar, embora tenha características de individualidade, é sempre um trabalho coletivo. Nesse sentido, alguns teóricos falam que uma formação continuada de professores favorecerá a compreensão de que as identidades e as posições políticas não se conformam a binarismos, sendo essencialmente híbridas sincretas e não puras.

As pessoas não nascem educadoras, tornam-se educadoras, quando se educam com o outro, em processo permanente de apropriação, mediação e transformação do conhecimento por meio de um projeto existencial e coletivo de construção humana. A inquietude e angústias com a diversidade é

complexa, suas manifestações podem ser sintomas de uma infinidade de fatores.

O mundo passa por transformações devido aos avanços das novas tecnologias e o docente da era digital tem a responsabilidade de estar sempre atualizado com as novas tecnologias, capacitando-se para desenvolver mais habilidades e métodos pedagógicos dinamizados pela internet, aproveitando os ciberespaços e estimulando seus ciber alunos a buscarem seus conhecimentos na descoberta de novos recursos para desenvolver seu aprendizado.

Os sabores e dissabores de uma pós- formação continuada são a satisfação e motivação e ao mesmo tempo o sentimento de insatisfação com a desvalorização profissional do docente tanto financeiramente quanto ao sentimento de impotência frente às políticas públicas na educação, um verdadeiro faz de conta.

O ato de planejar não deve ser atividade pedagógica isolada e sim coletiva, devendo ser também coletivo o ato de ensinar e que um planejamento escolar é uma formação continuada de professores no momento em planejamento escolar é uma continuidade das formações presenciais na escola através da realização de leituras, de discussões acerca da prática pedagógica à luz dos temas abordados na formação em consonância com a proposta pedagógica de cada instituição, como também, para análise dos planejamentos dos diversos tipos de registros.

Considerando o estudo dos teóricos, bem como analisando-se o posicionamento dos professores investigados foi possível perceber que a formação continuada de professores é um processo fundamental de formação profissional docente e na constituição de sua identidade como professor. Isto porque a identidade não é um produto pronto e acabado, está em permanente constituição. Sobretudo se considerarmos que a partir dessas formações é possível haver questionamento e reflexão das práticas pedagógicas. Esse exame pode trazer resultados significativos para o ensino.

Para os sujeitos pesquisados os principais problemas são a falta de incentivo financeiro, a falta de tempo, a dupla ou tripla jornada de trabalho, alto custo e idade avançada.

Desse modo, considera-se que este trabalho possibilitou uma série de reflexões dentre elas que a motivação econômica para o curso de

especialização como incremento salarial docente não são a única motivação dos professores que procuram esses cursos. De outro modo, uma vez satisfeita as nossas necessidades econômicas, precisamos exercitar a nossa condição de cidadania que ainda é muito frágil em nosso país, pois em grande parte, as pessoas não se veem como sujeitos de direito e sim, como sujeitos que recebem favores e dádivas. Posturas essas que não são condizentes com a amplitude da responsabilidade e função social dos professores. A formação continuada constitui-se como uma possibilidade consistente de desenvolvimento e consolidação de posturas e práticas educativas críticas, comprometidas assim com a qualidade social da educação.

REFERÊNCIAS

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. In: **Revista Brasileira de Educação**. V. 16, n. 48, set-dez, 2011.

FELDMANN, M. G. Escola pública: representações, desafios e perspectivas. In: ALONSO, M. **O trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1999.

_____, M. G. *Formação de professores e cotidiano escolar*. In: **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac, 2009; p. 79, 80.

_____, M. G. Formação de Professores e Escola na Contemporaneidade: **Formação de Professores e Cotidiano Escolar**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

GATTI, Bernardete Anglina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

_____, Bernardete Anglina. **Por uma política nacional de formação de professores do Brasil – 1 ed.** São Paulo: Editora Unesp, 2013.

GOVERNO DE ESTADO DA PARAÍBA – UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Identidade e pluralidade cultural**. Coletânea de textos Didáticos. Campina Grande, 2012.

LIMA, Jorge M. Ávila de. **O Papel de Professor nas Sociedades Contemporâneas**, EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA, Nº 6, 1996, 47-72.

NÓVOA, Antônio. **Para o estudo sócio histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente**. Teoria & Educação, 4, 1991. Olhar de professor, Ponta Grossa, 11(1): 169-182 2008. Disponível e, <<http://www.uepg.br/olhardeprofessor>>.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. A **O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo**. In: NÓVOA, António. (Org.) Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote/IIE, 1997.

PLACCO, V. M. de S.; ALMEIDA, L. R. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loyola, 2003.

RODRIGUES, Ângela; ESTEVES, Manuela. **A análise de necessidades na formação de professores**. Porto: Porto Editora, 1993.

SILVA, T.M.N. **A construção do currículo na sala de aula: O professor como pesquisador**. São Paulo: EPU, 1990.

APÊNDICE



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES



Caro (a) Professor (a),

Este é um dos instrumentos para coleta de dados desta pesquisa que estuda a Formação Continuada de professores. O formulário busca obter informações para um projeto de pesquisa. Para isso solicito gentilmente contar com a sua especial colaboração no preenchimento dos itens solicitados

Grata por sua colaboração!

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
1 Sexo () Feminino () Masculino	
2 Faixa Etária () 18 a 24 anos () 25 a 30 anos () 31 a 35 anos () 36 a 40 anos () 41 a 45 anos () 46 a 50 anos () 51 a 55 anos () Acima de 56 anos	
Formação em nível de graduação: Nome do curso: _____ Tipo do curso: () Bacharelado () Licenciatura	
Maior titulação: () Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado Situação: () Concluída () Cursando	
Atua profissionalmente como professor (a) em: () rede estadual de ensino () rede municipal de ensino () rede privada de ensino CIDADE: _____ UF _____	
Atua profissionalmente nos seguintes níveis de ensino: () Educação Infantil () Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF) () Anos finais do EF () Ensino Médio () Ensino Superior	
Atua na(s) modalidade(s) de ensino: () Regular () Educação de Jovens e Adultos () Educação Indígena () Educação Especial () Educação à Distância	
Disciplinas em que atua, numere de acordo com a maior carga horária, de modo que receba o número 1 a matéria que tem mais aulas, de forma crescente para as que representam menor carga horária: () Arte () Biologia () Ciências () Espanhol () Filosofia () Física () Geografia () História () Inglês () Matemática () Português	

Química Religião Sociologia

1. Em sua concepção, o que leva um (a) professor (a) a procurar uma formação?

- oferta gratuita pelos sistemas de ensino incremento salarial
 necessidade da prática pedagógica ascensão profissional
 ingressar na docência no Ensino Superior para enriquecer o currículo
 Outros. Especifique: _____

Justificativa:

2. Que tipos de formação continuada você fez participou?

- Presencial EAD Semipresencial

Ano de participação do seu último curso de formação:

Área do seu último curso de formação continuada:

3. Como esses cursos ajudam em sua qualificação didática e seu desenvolvimento, como profissional?

4. Como se comporta em uma formação continuada? Assinale as alternativas que mais se assemelham a sua condição e justifique suas respostas.

- quando tem oportunidade falta;
 Chega atrasado(a);
 Sai da aula antes de sua conclusão;
 assiste às aulas, mas não se envolve muito na participação;
 ativamente, participando de atividades, lendo e discutindo os assuntos abordados;
 prefere trabalhos individuais;

Justificativa:

5. Como conteúdos pertinentes ao currículo proposto a serem trabalhados com os alunos das turmas em que você leciona quais temas podem mediar nessa formação continuada?

- Cultura popular Pluralidade cultural
 História da educação Teoria e método

6. Se você fosse participar de uma formação continuada e pudesse montar o currículo do curso, que tipos de disciplinas escolheria? *Neste item você vai enumerar as opções de acordo com a sua prioridade de modo crescente (em que 1 corresponderá a mais importante e X para a menos relevante)*

- conteúdos curriculares que abordem temas transversais
 que versam sobre metodologia científica
 voltadas para a metodologia de ensino em sala de aula
 didática práticas pedagógicas

7. Em sua concepção, quando um professor participa do planejamento escolar está em um momento de formação continuada? Por quê?

8. De acordo com o seu entendimento, que fatores podem levar um professor a não fazer uma formação continuada?

- Falta de tempo Custa caro
 Desmotivação financeira Falta de oferta pela rede pública
 Idade avançada

9. Cite exemplos de como a formação continuada de professores já ajudou a resolver situações problemáticas em sua experiência docente.

10. Como você vê a tecnologia na educação?

11. Você utiliza a informática em suas aulas? Que recurso tecnológico você utiliza? _____
